

 BANDEIROLA



Mistérios!

Crimes de “quarto fechado”

Carlos Orsi

CURTA BANDEIROLA



SUMÁRIO

ENTREVISTA	6
ÓDIO NA CASA DE REZA	15
O PISO DE VIDRO	46
NA MOSCA	90
A AVENTURA DA RÃ MORTA	105
O VELHO SURFISTA	122
A AVENTURA DA QUARTA CHAVE	151

O fascínio e a engenhosidade dos contos de “quarto fechado”

por Braulio Tavares

A obra de Carlos Orsi tornou-se conhecida, mais do que na área do conto detetivesco, dentro da literatura de horror e de ficção científica, um nicho alternativo em que ambos militamos desde os anos 1990.

Carlos Orsi, nascido em Jundiaí (SP) em 1971, formou-se em jornalismo pela ECA-USP, sendo colaborador constante dos *fanzines* pré-internet. Aparece em numerosas antologias e coeditou outras (*Sherlock Holmes: Aventuras Secretas*, Draco, 2012). Marcou presença em livros como *Medo, Mistério e Morte* (Didática Paulista, 1996), *As Dez Torres de Sangue* (Megalon/Hiperespaço, 1999, relançado pela Draco em 2012), *Campo Total* (Draco, 2012), *Tempos de Fúria* (Draco, 2005), *Mistérios do Mal* (Draco, 2016).

Na imprensa, atuou no jornalismo de divulgação científica e de combate à pseudociência, sendo fundador do Instituto Questão de Ciência e editor da revista de mesmo nome. Recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Ciência em 2021 com *Ciências no Cotidiano* (Contexto, 2021), em coautoria com Natalia Pasternak. Nessa área, sua publicação mais recente, e que motivou acalorados debates na imprensa e nas redes sociais, foi *Que bobagem! — pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério* (Contexto, 2023), também em parceria com Natalia Pasternak.

Nos últimos anos, destacou-se no campo da literatura policial — ou, para ser mais preciso, da história de detetive — ao publicar contos em inglês, no mercado norte-americano, tanto

em antologias quanto em revistas. Entre elas, a *Ellery Queen's Mystery Magazine* (EQMM), fundada em 1941 e que teve um papel fundamental para a aceitação do conto policial como literatura séria. A EQMM, aliás, foi responsável pela primeira publicação de Jorge Luis Borges nos Estados Unidos (“The Garden of the Forking Paths”, traduzido por Anthony Boucher, no número de agosto de 1948). Sua edição brasileira, pela Editora Globo (Porto Alegre), era uma das leituras de entretenimento de Guimarães Rosa.

Este nosso bate-papo aconteceu por e-mail, em março de 2024.

BT

- Quando organizei minha coletânea *Crimes Impossíveis* (Bandeirola, 2021), havia um excesso de material em inglês. Creio ser possível uma antologia semelhante só com exemplos brasileiros, mas a verdade é que são poucos. Por quê? O *locked room* é um tipo de conto que requer engenhosidade. Será que é trabalho demais para pouca repercussão?

Em parte, tem essa questão do esforço-benefício, sim, mas isso leva a outra questão: há escritores brasileiros que se lançam a empreitadas de grande engenhosidade (por exemplo, em experimentos formais de linguagem na prosa ou na composição de poesia metrificada) e consideram que esses esforços valem a pena.

Você falou em repercussão, e talvez uma das chaves esteja aí: a cultura literária brasileira premia certos tipos de esforço e nem nota, ou olha com desdém, para outros; os autores registram isso e agem de acordo. No caso da literatura policial, que já é um nicho bem particular, o Brasil tem uma tradição de privilegiar o ângulo social ou psicológico e de tratar a trama como

uma espécie de cabide em que essas coisas mais chamativas ficam penduradas. O cabide tem de ser firme, mas não precisa ser vistoso...

- **Em poesia, nós usamos o termo “forma fixa” para referir o soneto, o haikai, a sextilha da Literatura de Cordel etc. O desafio do poeta é obedecer rigorosamente às restrições obrigatórias de métrica e rima, e ser o mais original e pessoal possível dentro delas. Já na prosa de ficção, dizer que uma ficção é “formulaica” (obedece rigidamente a uma forma) é um julgamento pejorativo.**

Eu diria que a forma fixa, em prosa e em poesia, pode ser tanto um desafio quanto uma muleta. Muleta no sentido de o autor achar que, ao seguir a forma, já fez o trabalho; e a escrita se esgota nisso. É algo comum, falando em prosa, na ficção mais comercial (adaptações literárias de filmes e séries, por exemplo).

Já quando encarada como desafio, a restrição da forma é um estimulante e tanto. Nessa chave, a camisa de força se converte em algo como as regras de uma charada, algo que incita a criatividade. E, como num quebra-cabeças, o que me parece mais produtivo é trabalhar ao contrário: ter algo original e pessoal a dizer e, a partir desse quadro pronto, encontrar uma forma orgânica de recortar e rearranjar a imagem final na forma das peças que serão apresentadas ao leitor.

- **Um dos meus autores preferidos é Ellery Queen, e observo que, em suas histórias, nem sempre o criminoso é entregue à polícia. Às vezes é perdoado, às vezes cometeu o crime sem querer, às vezes escapa por uma técnica qualquer, às vezes engana o próprio Ellery... Em dois dos seus contos (“O Velho Surfista” e “O Piso de Vidro”), a justiça é feita “por vias transversais”. Você vê uma tendência crescente desse tipo de solução?**

Essa me parece uma tendência que vai e vem com o tempo. Eu me lembro, décadas atrás, de um artigo do Paulo Francis em que ele reclamava, meio de passagem, de um processo de “estatização” da ficção policial ou de mistério, cada vez menos protagonistas independentes (detetives particulares, amadores talentosos) e cada vez mais policiais.

Francis tinha lá as razões ideológicas dele para se revoltar contra a glorificação dos agentes do Estado, mas creio que essa tendência de valorizar o “tira” como herói meio que leva naturalmente à prisão e ao indiciamento formal do culpado; já o amador ou o investigador privado tem mais liberdade. Sherlock Holmes já se reservava o privilégio de perdoar culpados ou de ditar punições (por exemplo, exílio) a alguns dos vilões que descobria antes de a polícia chegar. Talvez a onda do “tira herói” esteja passando, ou pelo menos amainando, e com isso estejam surgindo mais histórias em que o detective protagonista tem mais liberdade moral.

- **A presente coletânea envolve apenas contos de *locked room*. Você tem mais contos policiais escritos? Algum detetive recorrente? (Pensei nos detetives de “O Velho Surfista” e “O Piso de Vidro”.) Como o *locked room* é uma espécie de “forma fixa”, outros subgêneros podem dar maior liberdade de movimentos.**

Tenho mais contos policiais na gaveta, em fases diversas de polimento, incluindo algumas tentativas de criar uma série de Ulysses Bunge, o detetive de “O Piso de Vidro”, mas, por razões diversas, ainda não me parecem prontos para exibição pública; e algum material de crime e mistério que não é *locked room*, espalhado por aí, incluindo “Melhor Comido Frio”, que saiu no *Ficção de Polpa: Aventura!*, da Não Editora e acabou virando minha primeira publicação na *EQMM*, em tradução de Cliff Landers. Minhas primeiras experiências com *locked rooms*

foram híbridos ficção científica/mistério, e estão espalhadas em antologias, principalmente da Editora Draco.

● **E a mistura entre ficção científica (FC) e ficção detetivesca que alguns autores já tentaram?**

A ficção científica é um ótimo veículo para experimentar com a forma, porque é possível eliminar os problemas de plausibilidade externa (“não é assim que a polícia age” etc.), já que esses parâmetros são inventados pelo autor. Sempre fui fã da fusão FC/mistério, e houve uma época em que colecionava ativamente obras do (sub)gênero.

● **Uma curiosidade do ponto de vista da técnica literária: você escreveu esses contos diretamente em inglês, visando o mercado dos EUA? Algum editor pediu revisão ou correção de algo?**

Sim, esses contos foram todos escritos originalmente em inglês, para o mercado anglófono, e até por isso me senti incapaz de vertê-los, pessoalmente, para o português — seria como escrever de novo a partir do zero, e acabariam virando outras coisas, não traduções. Cinco deles chegaram a ser publicados, dois nos Estados Unidos (“Ódio na Casa de Reza” e “O Piso de Vidro”, na *EQMM*), dois no Canadá (“A Aventura da Rã Morta” e “Na Mosca”, na *Mystery Magazine*) e um na Inglaterra (antologia da MX Publishing). Sobre edições, eu me lembro da *Mystery Magazine* pedindo um pouco mais de *fair play* no final de “A Aventura da Rã Morta” e a *Ellery Queen* checando comigo se eu estava usando *euphemism* no contexto correto em “O Piso de Vidro”.

● **A ambientação tipicamente brasileira de “Ódio na Casa de Reza” pode ter ajudado, ou poderia atrapalhar a aceitação? (Essa é uma pergunta que sempre me faço quando tento traduzir meus próprios contos.)**

Confesso que não faço a menor ideia do que facilita ou dificulta a aceitação de uma história: “Ódio na Casa de Reza” veio depois que “O Piso de Vidro” já havia sido publicada, por exemplo. Minha impressão é de que os editores dessas publicações têm uma visão do que esperam que seja cada edição, mais ou menos como o produtor de um álbum de música. A questão é se a história oferecida se encaixa nos planos para as próximas cinco ou seis edições, ou não.

● **Sim, acho também que o editor de revista está preocupado com seu público e seus números seguintes. Num ofício tão cheio de variáveis, conceitos como “originalidade”, “brilhantismo estilístico”, “ideia nova” pesam, mas não chegam a ser valores absolutos. As instruções (“*Writer’s Guidelines*”) fornecidas pelas revistas são um excelente termômetro para avaliar o que esse pessoal considera “bom” ou “ruim”, ou seja, os critérios de valor literário numa época e num mercado específico. Nesse mercado do conto policial, o que você acha que é mais importante para eles atualmente, além de um enredo engenhoso? Você escreve com essas orientações em mente? É um desafio que pode até ser divertido.**

Não penso muito em questões específicas de mercado, para além do mais óbvio — se a ideia é tentar vender a história para uma publicação como a *EQMM*, sexo explícito e violência *gore* não são boas escolhas, digamos. Leio com alguma frequência o material publicado nas revistas internacionais de mistério e imagino que isso acaba me dando uma certa noção intuitiva do que é mais vendável, mas não vou muito além disso.

Nesse sentido, o que me parece cada vez mais recorrente no que vejo publicado é a busca da imersão do leitor por meio de identificação com algum personagem (que pode ser a vítima, o investigador, o culpado); ter esse personagem-chave

bem vívido e, para ficar no clichê, fazer o leitor “importar-se com ele”. O que, claro, não é uma necessidade literária absoluta: acho que ninguém nunca se importou ou empatizou com C. Auguste Dupin, por exemplo.

- **Gostei muito da *fanfic* sherlockiana (“A Aventura da Quarta Chave”), achei muito bem realizada. Eu já comecei a escrever uma ou duas histórias nessa praia, mas sempre largo no meio do caminho. Gostei de você aproveitar Mrs. Hudson, uma figura simpática do cânone. Existe uma pequena indústria editorial em torno de Holmes, a esta altura, com mais de um século de produção incessante. Você tem alguns exemplos preferidos?**

Obrigado! Foi uma das histórias que mais me deu trabalho escrever, principalmente por causa da pesquisa para evitar anacronismos indesejados (alguns são necessários...). E você está certo, é uma pequena indústria extremamente ativa, e deve se tornar ainda mais, agora que todas as histórias originais já caíram em domínio público (os últimos contos, que saíram na década de 1920, ainda estavam sob *copyright* nos Estados Unidos).

A MX Publishing, editora que publicou “A Aventura da Quarta Chave” na Inglaterra, lança duas antologias de novos contos sherlockianos por ano, com os lucros voltados para a manutenção de uma escola instalada na antiga casa de campo de Arthur Conan Doyle. Há vários pastiches de que gosto muito, incluindo, claro, os que selecionei com Marcelo Galvão para a antologia *Aventuras Secretas*, da Editora Draco. Tenho também um carinho especial pela série *Solar Pons*, tanto as histórias originais de August Derleth quanto as revisões e continuações de Basil Copper; e se for para mencionar histórias específicas, meus favoritos absolutos são os contos “The Doctor’s Case”, de Stephen King e “A Study in Emerald”, de Neil Gaiman.

- **Eu acho que a *fanfic* escrita com seriedade torna-se uma obra pessoal, vide este exemplo de Neil Gaiman, em que ele misturou o universo sherlockiano e o lovecraftiano, e é um conto muito engenhoso. Além de Sherlock Holmes, tem algum outro personagem ou universo que você explorou, ou gostaria de explorar, como *fanfic*, no conto de detetive ou na FC?**

Estou meio afastado da escrita de ficção atualmente, e é até por isso que tenho tanto material inacabado ou mal-acabado na gaveta, então, no momento, ando sem projetos “quentes”. Em termos de projetos “mornos”, no universo do pastiche ou *fanfic*, eu ainda não fiz tudo que gostaria com Holmes — “A Aventura da Quarta Chave” foi escrito para funcionar tanto como conto independente quanto como primeiro capítulo de um romance —, e estou com algumas ideias vagas de “continuações” para um conto de fantasmas de M.R. James. Quanto a protagonistas já bem estabelecidos, e abstraindo questões de *copyright*, gostaria de tentar a mão com James Bond algum dia.

Braulio Tavares tem a palavra como sua matéria-prima e, a ela, dedica-se em suas várias formas de expressão literária, seja nos ensaios, na poesia, na ficção insólita, na dramaturgia, no cordel, na tradução e na organização de antologias.

Autor de O que é Ficção Científica (Brasiliense), Sete Monstros Brasileiros (Casa da Palavra), Fanfic (Patuá).

Pela Bandeirola, publicou A Espinha Dorsal da Memória (prêmio Caminho de Ficção Científica), Mundo Fantasma, além de organizar, traduzir e prefaciara Crimes Impossíveis, antologia de contos clássicos de crimes de “quarto fechado” e A Mulher e o Estranho, antologia que privilegia o insólito nas narrativas escritas por mulheres.

Mistérios!

ÓDIO NA CASA DE REZA

Conto publicado pela primeira vez na
Ellery Queen Mystery Magazine, 2019.

— ELE ESTÁ TIRANDO FOTOS DAS CRIANÇAS.

— Quer que eu peça para parar?

Por um momento foi como se o cacique não tivesse ouvido a pergunta. Seus olhos vagaram sem rumo certo, na direção do horizonte. Fábio, o guia, já se acostumara. É o comportamento das lideranças guarani: pensar uma questão até o fim, evitar falas desnecessárias ou decisões abruptas. Sendo um homem relativamente jovem, aos quarenta anos, o cacique, conhecido como Pedro Amado nas cidades e como Iberê Tupã-Mirim (Pequeno Trovão do Rio Lento) entre seu próprio povo, parecia mais sábio do que a idade sugeria.

— Ele é assim — continuou o guia, para preencher o silêncio. — Estamos juntos há três dias, e a todo lugar que vamos é a mesma coisa: ele descobre algo que o deixa fascinado, agarra a câmera e começa a fotografar. Ontem, na favela, foi quase constrangedor, se quer minha opinião.

Mais silêncio. E depois:

— Não – disse o cacique. — Pode deixar.

Fábio achou que tinha compreendido a situação. Por um lado, deixar que um estrangeiro tirasse fotos das crianças guarani, enquanto elas brincavam com seus bichos e umas com as outras, deixava-as parecidas com animais num zoológico ou em exposição num museu. Por outro lado, essas mesmas fotos, uma vez publicadas na Europa, poderiam atrair a simpatia internacional para aquele povo — e o cacique, mais do que qualquer um, sabia o quanto essa simpatia era necessária.

O fotógrafo, chamado Marcel, era um francês alto e magro. Seu cabelo branco, comprido, descia até os ombros, começando atrás das orelhas e na parte de trás da cabeça, sem um só fio no resto do seu crânio luzidio, lustroso. Seus traços mais evidentes, contudo, eram as grossas sobrancelhas peludas e negras, que davam a impressão de serem duas lagartas zangadas e inquietas, sempre se movendo por cima de um par de olhos brilhantes, de um azul profundo.

Nesse dia, a tarefa de Fábio era levá-lo até a aldeia guarani, agindo como tradutor e como intermediário para negociar a autorização para um ensaio fotográfico. Uma revista chique de Paris tinha tomado conhecimento da existência dessa aldeia indígena no Brasil, muito próxima de um centro urbano (duas horas de carro, mais meia hora de caminhada pela mata), e, um detalhe bem crucial em termos de jornalismo, também próxima da favela controlada por um barão do tráfico de drogas. Tanto a favela quanto a aldeia estavam situadas

às margens do vasto lago de uma represa hidrelétrica, uma extensão de água com 26 quilômetros quadrados.

A editora havia encomendado uma fotorreportagem traçando um paralelo entre estes dois mundos: o inferno da favela dos criminosos urbanos e dos despossuídos, e o paraíso do jângal em que mora o *bon sauvage*. Óbvio que os guaranis, de um modo geral, não eram melhores nem piores do que o ser humano médio. E, é claro, não eram, absolutamente, selvagens. Além do mais, sua vida na mata estava longe de ser paradisíaca.

A cidade começava a cercá-los. Sua faixa florestal era pequena demais para sustentar o tipo de vida animal e vegetal que lhes proporcionaram sustento e lhes garantiram a vida por sabe-se lá quantos milênios. E as seduções da cidade começavam a exercer o seu apelo. Um apelo que muitos jovens escutavam, abandonando suas raízes em troca de um destino urbano incerto; outros achavam que sua herança cultural era um beco sem saída tamanho que os acabava matando. Os jovens guarani encabeçavam as listas de suicídio nas tabelas demográficas brasileiras.

O cacique Iberê, que assumia o nome civil de Pedro Amado, já vivera na cidade, uma fuga na qual havia obtido um doutorado em Química antes de voltar para sua terra e se tornar o novo cacique, após a morte do pai. O guia, Fábio, que o conhecia há vários anos, nunca soube exatamente por que ele voltou, depois de obter na cidade um sucesso que superou todas as expectativas. Parecia uma coisa quixotesca. Sem sentido.